

Portugal, vivendo em nosso país de fins do século XIX ao início do século passado.

ISABEL DE ARAGÃO

Isabel, a rainha santa, é personagem muito importante. Vemo-la e a sentimos em todo o desdobramento dos fatos históricos e suas consequências.

Recolhe Inês de Castro na Vida Maior, após a tragédia de sete de janeiro de 1355, descrita nas primeiras páginas deste livro. Ampara-a no Plano Espiritual, do mesmo modo que socorre o neto no Plano Físico.

Inspira o filho D. Afonso IV e sua esposa, D. Beatriz de Castela, para que compreendam a necessidade do entendimento com D. Pedro, acordo sedimentado nas Pazes de Canaveses.

Diz a história, e o episódio é relatado neste livro pela própria Inês de Castro, que a rainha santa adotou Afonso Sanches, o filho bastardo de seu marido, Dom Dinis, qual filho do coração, rogando-lhe que perdoasse ao

irmão, Afonso IV, que, no entanto, por razões políticas, mais tarde o mandaria executar.

Foi companheira de D. Dinis durante o longo reinado de 45 anos e sobreviveu a ele, por onze anos.

Um dos episódios mais conhecidos, ocorridos com a rainha santa no reinado de D. Dinis, refere-se ao conhecido quadro, cujas cópias se popularizaram em Portugal e no Brasil:

A pintura da transformação dos pães, que distribuía às gentes humildes, em rosas, quando D. Dinis, voltando a palácio, a surpreende em contato com a população sofrida.

Colhi, a respeito, a uma culta senhora portuguesa afeita às tradições de sua terra, o relato tal como ela o ouvira em sua infância, nos arredores de Coimbra.

Conta-se em Portugal que a rainha Isabel ajudava aos pobres nos fundos do palácio e trazia os pães amontoados no avental, quando chegou o rei, retornando de uma caçada, acompanhado de seus cavaleiros.

D. Dinis, não afeito aos gestos caridosos da esposa, chegando de chofre ao local, indaga-lhe:

- O que trazes aí, Senhora?
- São rosas, Senhor!
- Rosas em janeiro? Isso é um milagre. Deixa-me ver.

Isabel abre o avental e rosas se espalham pelo chão...

E o povo todo se ajoelhou diante da nobre senhora.

Guardo uma edição do quadro que retrata o diálogo acima em minha sala de trabalho, com muito apreço, pois me foi dada por Chico Xavier, que sempre frisou seu respeito e admiração por Isabel de Aragão.

Isabel Saraiva, de Portugal, amiga de quem me socorri na elaboração do livro, lembra outro milagre das rosas, anotado nos anais da história, envolvendo a rainha santa:

Precisava ela pagar aos operários que estavam a construir a igreja de Leiria, onde viveu muitos dos seus anos e, por não ter dinheiro, ofereceu uma rosa a cada operário, e essa rosa se transformou em moedas correspondentes ao salário.

Como rainha, seguiu os caminhos do coração e da caridade. Enquanto D. Dinis administrava sabiamente o reino, Isabel se dedi-

cava aos pobres, ao socorro de mães e crianças, semeando no coração do povo o amor que desde aqueles tempos lhe devotam os portugueses.

Nasceu Isabel em Saragoça, reino de Aragão, em 1271 e faleceu em Portugal, já durante o reinado do filho, em 1336, na cidade de Estremoz, a mesma em que morreria mais tarde o neto D. Pedro.

Filha do rei Pedro III de Aragão e de D. Constança, rainha da Sicília, de seus cinco irmãos dois foram reis aragonezes e um, soberano da Sicília.

Casou-se com D. Dinis em 1282 e, com o falecimento do marido, aproximou-se ainda mais do convento de Santa Clara, a Vella, em Coimbra.

Foi beatificada em 1516 e declarada santa em 1625.

De seus milagres e de sua santificação falam com exuberância os conceituados hagiólogos.

Ao longo dos séculos que se sucedem aos episódios narrados neste livro, a par de suas elevadas funções, do plano espiritual acompanha a trajetória do filho, do neto e de Inês de Castro, que se tornou sua dedicada companheira

na implantação da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra.